

CADERNOS 30

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Clássicos greco-latinos traduzidos por mulheres no Brasil

Vivências tradutórias: um excerto da *História Natural*

*Ana Thereza Basílio Vieira*¹

Resumo: A tradução requer o uso de técnicas e práticas próprias a cada língua. Cícero, no século I a.C., já discutia que sua versão de obras gregas para o latim não era uma simples transposição de palavras de uma língua a outra, pois cada uma possui características muito próprias, passíveis de não permitirem uma reprodução. No Brasil, as teorias da tradução começaram a ganhar maior vulto principalmente a partir da década de 1950, com os estudos linguísticos e semióticos. Procuo aqui mostrar como se deu minha trajetória na tradução, propondo a tradução comentada e anotada de um excerto da *História Natural*, tecendo algumas discussões sobre o ato tradutório.

Palavras-chave: processo tradutório; História Natural; medicina; teorias da tradução.

Abstract: Translation requires the use of techniques and practices specific to each language. Cicero, in the 1st century BC, already discussed that his version of Greek works into Latin was not a simple transposition of words from one language to another, as each one has very unique characteristics, which could not allow reproduction. In Brazil, translation theories began to gain greater importance mainly from the 1950s onwards, with Linguistic and Semiotic studies. Here I try to show how my translation journey took place, proposing the commented and annotated translation of an excerpt from *Natural History*, making some discussions about the translation act.

Keywords: translation process; Natural History; medicine; translation theories.

¹ Professora Titular de Latim da UFRJ. Atua nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras Clássicas. Seu foco de interesse, atualmente, são as fábulas latinas e a obra pliniana sobre a natureza. A autora é uma das líderes do grupo de pesquisas Camenae: Língua, Cultura e Literatura Grega e Latina.

Estudiosos disputam há anos diferentes teorias da tradução de textos estrangeiros para o vernáculo, tanto oriundos de línguas modernas quanto de línguas clássicas. Haroldo de Campos propõe um conceito de transcrição, isto é, uma tradução criativa, centralizada não na simples reprodução do texto palavra a palavra, mas na reinterpretação do texto, com vistas a tentar provocar no público as mesmas sensações que deveriam ser sentidas na língua original. A teoria interpretativa, por sua vez, se concentra no sentido do texto, ao passo que a tradução intersemiótica consiste na interpretação de signos verbais por signos não-verbais, só para citar algumas dessas teorias.²

Estudando latim desde a década de 80, pertenço a uma geração que aprendeu a traduzir os clássicos sem fazer uso de uma teoria específica, numa espécie de perpetuação do modo como aprenderam meus mestres, lembrando que pouquíssimos ou quase nenhum deles havia publicado uma tradução de um texto integral. As traduções até então integravam as dissertações ou teses, sendo muitas delas intituladas “Tradução e comentário de...” ou “Tradução, comentário e notas de...”. Outras vezes, os textos traduzidos integravam pequenas coletâneas de poemas, antologias ou mesmo artigos de periódicos, não englobando uma obra completa, mas pequenos excertos de grandes obras ou uma seção de um poema maior ou ainda alguns poemas menores, e aqui refiro-me sempre a sua extensão e não à relevância.

É certo que traduções havia dos textos clássicos gregos e latinos, mas de décadas anteriores, em sua esmagadora maioria de autoria masculina. Algumas traduções feitas por mulheres eram adaptações, mormente de textos ligados ao mundo mitológico, a que adolescentes sempre acediam em busca das aventuras. Parecia que demoraria muito para as mulheres trilharem o caminho reconhecido da tradução, mas o próprio mercado editorial cresceu, propiciando, assim, mais chances para que pudéssemos, também nós, produzir nossas traduções e vê-las publicadas. Adriane da Silva Duarte, ao traçar a trajetória das mulheres tradutoras no Brasil, lembra as circunstâncias dessas traduções, por via indireta, pois o estudo das línguas clássicas se restringia, principalmente, ao ambiente universitário (DUARTE, 2023, p. 47).

Mas como traduzir um texto clássico sem se fundamentar em uma teoria da tradução, sem uma recepção da tradução? Seria isso viável? Comprometeria, de alguma maneira, o trabalho? Sim e não, para as duas últimas perguntas. A Universidade Federal do Rio de Janeiro, por onde me formei, ainda engatinhava nos estudos sobre as teorias da tradução e poucos docentes problematizavam as

2 Cf. Campos (2013), Mounin (1975) e Oustinoff (2015).

questões junto ao corpo discente. Na área de Estudos Clássicos, não houve ninguém que apresentasse às turmas essas teorias aplicadas à tradução do latim ou do grego. Muito embora não tivéssemos discutido teorias tradutórias nem participado de grupos que questionassem os métodos de tradução, é certo que tínhamos noções de como deveria funcionar a tradução, isto é, de como verter para outra língua, moderna, textos antigos, de línguas não mais faladas, e essa era a grande tônica com que deveríamos lidar. O ato tradutório, decerto, não é obra do mero acaso nem de sorte ou inspiração divina, como soía ocorrer com os antigos aedos a compor suas obras. Aprendemos, de outro(s) modo(s), a sanar essa lacuna.

O provérbio *traduttore, traditore* muitas vezes é usado como uma forma de se dizer que é praticamente impossível traduzir um texto para outra língua, tendo em vista as diferenças linguísticas, o meio social, a época de produção do texto original, a musicalidade, seja o texto em poesia ou em prosa. Haroldo de Campos propõe a ideia de transcriação literária no ato tradutório, apontando que “a tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca” (CAMPOS, 2013, p. 5), revelando a complexidade com que os tradutores terão de lidar. Não é, pois, uma tarefa de mera versão ou transposição de uma língua para outra, mas de todo um trabalho de campo, influenciado por fatores múltiplos.

Percorso tradutório

Desde minha formação universitária, a tradução sempre caiu no meu gosto. Pensava – e ainda penso – que os textos devem ser conhecidos por todos, não se restringindo aos poucos que teriam acesso aos originais em línguas estrangeiras. Comprazia-me em tentar traduzir os chamados textos da literatura latina clássica, mas ao mesmo tempo encantavam-me os autores menos conhecidos, aqueles geralmente deixados em segundo plano ou até mesmo esquecidos, ou por não integrarem a literatura dos chamados grandes clássicos, ou por integrarem um período menos estudado, como o latim tardio, medieval ou renascentista.

Traduzi fábulas, tratados renascentistas lusitanos e brasileiros, como as fábulas de Fedro e de Aviano, o *De gloria* I, de Jerônimo Osório, todos textos originais em latim, além de outros tantos livros vertidos do italiano para o português do Brasil. Um dos exemplares que me trouxe imenso prazer em traduzir foi uma obra do renascimento italiano, de autoria de Marsilio Ficino, intitulada *Commentarium in Conviviis Platonis* (Comentário acerca do Convívio de Platão), a qual preferi

nomear pelo título recebido da obra em língua italiana³. Assim surgiu *O livro do Amor*, tradução que angariou o prêmio Alejandro Cabassa de Melhor Tradução Técnico-Científica, outorgado pela União Brasileira de Tradutores, em 1996. Com certeza, esse foi o maior incentivo que eu poderia ter recebido para continuar com meu intento tradutório, em uma época em que poucas mulheres conseguiam ver seus trabalhos divulgados e editados. Foi muito acolhedora a recepção de tal tradução no meio literário brasileiro. Ironicamente, a recepção foi menos conhecida à época justamente no âmbito dos Estudos Clássicos. A obra foi atualizada e teve uma edição online, devido ao interesse que gerou anos depois nos pesquisadores do neoplatonismo.

Ao longo de minha carreira mudei o foco dos estudos, interessando-me, há algum tempo, por temas ligados à magia e à medicina. Iniciei as pesquisas e traduções dessa fase com textos ovidianos, os *Amores* e os *Fastos*. Em seguida, fui chamada para auxiliar na tradução de um pequeno manuscrito do século XV, intitulado *Modus curandi cum balsamo*, um dos primeiros tratados médicos escrito em Portugal. A a tradução, conjunta, foi publicada na Revista Manguinhos, no dossiê “Pestilências e curas da medicina quinhentista” (VIEIRA; CAIRUS, 1994). O maior desafio dessa tradução era lidar com um texto ainda sem o seu estabelecimento e, portanto, sem qualquer aparato crítico, que iria ser apresentado, justamente, a partir daquela edição. Coube a mim entender a grafia quinhentista, que por vezes é de difícil compreensão, e traduzir o tratado. Foi igualmente uma belíssima experiência, que só fez aumentar o meu interesse por textos técnicos, sobretudo relacionados à medicina.

Na sequência, sugeriram-me trabalhar com a *História Natural*, tendo, inicialmente, me focado nos livros comumente associados aos tratamentos médicos, isto é, os de número 28 a 32. Contudo, não é tão simples fazer uma tradução de livros “temáticos” da obra, pelo fato de Plínio ser um autor autorremissivo e, portanto, ser algo restritivo delimitar o tema da medicina aos livros supramencionados.

Um autor movido pelo sentido de utilidade

Para entender um pouco da obra que integrará a tradução desta pesquisa, é necessário observar primeiro alguns aspectos sobre o autor e seu contexto político-

3 O livro foi inicialmente composto em latim e só anos depois Ficino apresentou uma versão em língua italiana.

-social. Assim, iniciaremos pela apresentação de Plínio a partir de uma epístola de Plínio o Jovem escrita a Bébrio Macro sobre os livros compostos pelo tio: *Sobre o Arremesso da Lança a Cavalos; Sobre a Vida de Pompônio Segundo; Guerras da Germânia; Estudioso; Sobre o Discurso Dúbio; Continuação da História de Aufídio Basso e a História Natural*.⁴

Além de a produção pliniana ser vasta, ela é bastante diversificada, a notar por seus títulos e pelos comentários do sobrinho. Infelizmente as obras se perderam com o tempo, restando-nos a *História Natural*, que, ainda assim, é grandiosa, igualmente pelo número de livros quanto pela heterogeneidade de temas pesquisados. Ironicamente, foi devido à amplitude temática desta obra que, por muito tempo, Plínio foi qualificado como um autor de pouca expressão, compilador dos antecessores, truncado, entre outros epítetos não lisonjeadores em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Digo “ironicamente” porque durante grande parte da Idade Média essa foi uma das obras mais lidas e reeditadas, a ponto de circular amplamente a *Medicina Plinii*, livro que toma como base os tratamentos apresentados na *História Natural*, acrescidos de outros tantos tratamentos que circularam à época.

A *História Natural* é composta pelo autor por volta do ano 70 d.C. e publicada após a sua morte, por ocasião de uma das maiores erupções do Vesúvio, que dura alguns dias, atraindo a Plínio por sua forma inusitada. Num primeiro momento, o autor expressa sua intenção de ir até a costa para admirar mais de perto tão grandioso fenômeno, mas, enquanto se prepara para partir, recebe o pedido de socorro de uma amiga e o dever se sobrepõe à curiosidade. Já na praia, constatando que não escaparia à catástrofe, Plínio espera pela morte inexorável.

O tempo de escritura de Plínio é o da segunda metade do século I d.C., que vislumbra rápidas mudanças de poder, até chegar ao governo de Vespasiano, codirigido por seu filho Tito, por sua vez, designado pelo autor como o leitor ideal de sua obra, homem de sabedoria e literato também ele, com uma carreira de honras exemplar, afeiçoado à glória dos antepassados e a transformações. Glória e transformações, eis as palavras-chave para a constituição da *HN*. Na carta-prefácio, Plínio aborda questões importantes como o ineditismo do trabalho, pois, muito embora já existissem obras abordando assuntos variados, nenhuma, em grego ou latim, chegou a tratar de tantos temas ao mesmo tempo: o princípio do mundo, a formação do céu, as populações da terra, a descrição do homem e outros animais,

4 Cf. Plínio, o Jovem 3.6, tradução de João Angelo Oliva Neto.

as plantas, os rios, os minerais, em suma, tudo que pode ser observado na natureza e tudo que ela proporciona.

Traduzindo Plínio: abordagens múltiplas

Uma vez que não dispomos das demais obras de Plínio senão pelas poucas opiniões de alguns contemporâneos seus e pelo uso difuso de seu texto durante a Idade Média, devo agora estabelecer um método de tradução para a *História Natural*. Lembro, mais uma vez, que não fizeram parte de meu repertório acadêmico de graduação as teorias a respeito das técnicas tradutórias, não obstante eu me inteirar sobre artigos que chegavam às minhas mãos. Quais seriam, então, os procedimentos para uma boa tradução? Não aquela que alguns costumam chamar “de serviço”, referindo-se a um produto rápido, comumente usado para exemplificar alguma pesquisa, tampouco a tradução poética, uma vez que este não é o caso, embora a transcrição ou recriação literária que Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos inicialmente propunham para uma tradução poética também possa ser usada para traduções de prosa enquanto críticas literárias.

Ao longo dos anos produzindo traduções dos mais variados textos, incluindo *best-sellers* italianos, entendi que uma das primeiras abordagens é a leitura do próprio texto, em sua língua original, ainda sem a busca do dicionário, a fim de proporcionar uma ambientação com o tema proposto.⁵ Pode parecer algo óbvio, mas não é, uma vez que já vi diversas pessoas procurando traduzir o texto de primeira mão, sem levar em consideração fatores como sonoridade, encadeamento de ideias, proposições etc. Oustinoff (2015), ao traçar a história da tradução, lembra que, desde a Antiguidade greco-latina, já não se tratava de um mero ato de versão de uma língua a outra, palavra por palavra, aludindo a uma ideia ciceroniana presente no *De Optimo Genere Oratorum*, 5.14: “[...] *non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omne verborum vimque servavi*” (...não tive necessidade de traduzir palavra por palavra, mas conservei o gênero e a força das palavras, tradução própria), uma exposição dos procedimentos de um orador, que deve pensar no

5 Ao se traduzir um texto de retórica, por exemplo, há que se ficar atento ao vocabulário específico da retórica. Além da adequação ao gênero, outra questão importante a ser levada em conta será a época de composição da obra, pois não cairia bem ao tradutor se valer de uma linguagem contemporânea para um texto medieval, por exemplo. Há, ainda, de se buscar uma adequação de tom ao personagem, se for o caso, para que um vulgo não utilize vocábulos excessivamente rebuscados ou vice-versa. Mesmo que a tradução seja centrada na recriação literária, alguns elementos devem ser observados no ato tradutório.

contexto e no gênero de produção da obra.⁶ Prosseguindo, Oustinoff menciona a ideia de São Jerônimo, que parece concordar com Cícero, exceto ao tratar-se de uma tradução da Bíblia, merecedora de outra abordagem por ser um texto sacro, cheio de mistérios, inclusive nas palavras (OUSTINOFF, 2015, p. 31).

Além da leitura, a interação com o ambiente de produção é outro fator relevante para a tradução, posto que o texto é produzido em um tempo e para um público específicos, não reproduzíveis em outro tempo, nem sequer em seu tempo em outra sociedade. Muito embora o sistema social seja comum a vários falantes, as comunidades linguísticas são diversas. Ao abordar a questão do sistema social e das relações linguísticas, Fiorin (2007, p. 11) assevera que “essas relações dão um determinado valor a cada componente do sistema e permitem selecionar o elemento apropriado para figurar em cada ponto da cadeia da fala e combinar adequadamente esses elementos entre si”.

O ato tradutório, então, deve considerar as relações entre o autor da obra e o seu público, completamente diverso daquele do tradutor e de seus leitores. A seleção dos elementos apropriados será determinante da nova narrativa, mesmo que o tema cause certo estranhamento ou que o cenário tenha uma ambientação distante da realidade do público.⁷ Mais adiante, Fiorin falará sobre ideologia e o que ele denomina de “visão de mundo”, referindo-se ao ponto de vista de alguma classe social a respeito da realidade. Mounin (1975, p. 180) sustenta que as experiências de mundo são diferentes para cada grupo, ainda que falantes de uma mesma língua, exemplificando o caso de esquimós, que conseguem distinguir diversos tipos de neve (seca, molhada, fofa etc.).

E como isso poderia afetar o trabalho de quem traduz um texto de uma língua não mais falada na atualidade? Se a visão de mundo é própria de uma época, ela não poderia ser manifestada em outra realidade? E se, na tentativa de elaborar

6 Rita Copeland (*Rhetoric, Hermeneutics, and Translation in the Middle Ages: Academic Translations and Vernacular Texts*, 1991) propõe uma discussão sobre tradução e interpretação (*interpretatio*) no uso da tradição clássica de oradores como Cícero. Os conceitos de *imitatio* e *aemulatio*, caros aos romanos, conduzem a uma tradução interpretativa de obras gregas, em que a tradução intercultural deve ser superada pela remodelação de textos para outro ambiente, que ateste a produção romana de novas ideias e não apenas a reprodução de um texto grego. Questões importantes para a retórica e, conseqüentemente, outros gêneros literários. Posteriormente, autores de línguas vernaculares, mediados por autores cristãos, estendem a questão da tradução-interpretação de autores do período clássico latino, fundamentados agora em questões morais e religiosas, com fábulas e mitos “moralizados” pela prática cristã.

7 Não entraremos na seara das ambientações fantásticas ou mitológicas, pois essas não concernem à tradução do excerto que iremos apresentar, embora também presentes na obra pliniana.

uma comunicabilidade maior com o público, o tradutor violar o que chamaríamos de uma “santidade” do texto, quer dizer, proceder a uma adaptação parcial ou completa do original, estaria cometendo algum ato sacrílego, suscetível a críticas contundentes? Ou ainda proceder ao que Mounin (1975) chamou de uma “super-tradução”, com acréscimos infundos na tentativa de não perder nenhum sentido do original? Esse é um risco que cada um deve ponderar sobre seu trabalho. E se não houver um equivalente na língua de chegada? Não falo aqui de equivalência linguística, mas de “algo” que definitivamente não faça parte da nova realidade. Passo a explicar os pontos questionados mais detalhadamente.

Ao tomar como proposta tradutória um excerto do livro 26 da *História Natural*, optei por uma seção temática, associada à medicina e a tratamentos terapêuticos. Muito embora o referido livro esteja fora do conjunto comumente associado aos livros de medicina, recorro que o tema é constantemente abordado ao longo da obra: trata-se de uma intervenção de tratamentos com o uso de plantas medicinais. Não é de se admirar, portanto, que o autor prossiga à seleção e nomeação de plantas que auxiliavam no tratamento ou cura de diversas doenças. Como Plínio procede a uma sequência dos males *a capite ad pedes*, nosso excerto anunciará tão somente alguns dos males acometidos na cabeça.

Ao relembrarmos que o autor procedeu à leitura de um número vultoso de manuscritos em outras línguas⁸, selecionou e anotou os pontos mais interessantes e dignos de integrarem a sua obra e, ao analisarmos que Plínio se autodefine como curioso e observador atento, chegamos à conclusão de que poderemos não ter correlatos em língua portuguesa para alguns vocábulos citados. Deveria eu, como tradutora, propor um nome – “oportuguesar”, como diríamos – para esse “algo” desconhecido, quer se trate de uma planta, de uma doença ou de um animal? Deveria eu optar por manter o nome original latino? Estes são alguns dos questionamentos que faço com relação à tradução dessa obra.

Num primeiro momento, deliberei manter o vocábulo no original, posto que não encontrava similaridade. Entretanto, um dia, ao assistir aleatoriamente a um seriado que se ambientava na virada para o século XX, eis que ouço em inglês o nome de um dos tantos animais “intraduzíveis” de Plínio. Após várias buscas infrutíferas em dicionários de língua latina e de língua portuguesa, naquele momento

8 Levando em conta os nomes dos autores citados como estrangeiros, Plínio teria tido acesso a obras de escritores gregos, árabes, egípcios e tantos outros, entretanto, não se pode ter certeza se ele não estaria lendo uma obra citada em outra escrita em grego, visto que muitos autores mencionados são desconhecidos.

revelou-se uma opção até então inesperada: procurar por termos em dicionários estrangeiros, nesse caso, em língua inglesa. Assim, encontrei um dos nomes que tanto me preocupava, com sua descrição exata. Nesse ponto, me detenho para rememorar a necessidade de sempre atualizar a tradução, não a deixando estante em um momento problemático, não deixando que um dilema interrompa o fluxo tradutório ao qual se decidiu dedicar.

A língua truncada, que leitores modernos costumavam definir como produto de descuido, de desconhecimento das estruturas do latim clássico ou mesmo uso de uma linguagem mais coloquial, é, a meu ver, uma opção de Plínio por uma exposição de alguém que pensa rápido, que deseja, como ele mesmo adverte ao fim de seu prefácio, anotar o máximo de informações que lhe caem às mãos, preferindo corrigir, refazer, tornar a redigir o que estava lacunar, pois sua obra deveria ser como a dos pintores, que estava em constante mudança até o seu término definitivo.⁹ Por vezes, é fato que preferi esclarecer os passos muito duvidosos na tradução, sobretudo nas retomadas, após alguma digressão mais longa, e o sujeito já distante é diretamente integrado à tradução, sem nota explicativa, dadas as diferenças linguísticas que fazem do latim uma língua muito mais breve, em que as repetições são desnecessárias, com a omissão de vocábulos já presentes na frase, sem artigos, sem a repetição de verbos, sobretudo do verbo *esse*.

Assim, pois, apresento a minha proposta de tradução de um excerto do livro 26 da *História Natural*, seguindo a tradução interpretativa, mais apropriada ao contexto dos dias atuais. Acrescentei algumas notas explicativas de certos termos, sobretudo nomes de pessoas, que pudessem gerar dúvidas. A tradução, original e inédita, utiliza como aporte a edição bilíngue italiana aos cuidados de Gian Biagio Conte (PLINIO SECONDO, 1985).

***História Natural* 26.1-10**

(1) 1. O rosto dos homens sofreu doenças novas e desconhecidas em todos os tempos anteriores, não só na Itália, mas por toda a Europa, até agora ainda não tendo se estendido muito por toda a Itália, nem pelo Ilírico, nem pelas Gálias, nem pelas Hispânicas ou alhures, senão por Roma e arredores. Em verdade, as doenças não causavam dor nem destruição à vida, mas uma deformidade tão grande que qualquer tipo de morte seria preferível.

9 Cf. PL. HN, Praef. 26.

(2) 2. Nomearam a mais molesta delas de *líquen*, em grego, ou *mentagra*, em latim, porque começava quase na barba.¹⁰ Primeiro se troçava, por brincadeira, como é próprio da natureza impertinente de muitos diante da infelicidade alheia, depois pelo emprego mesmo do vocábulo; ela atingiu muitas partes e mais amplamente todo o semblante, sem exceção, permanecendo imunes apenas os olhos, descendo até o pescoço e o peito e às mãos, com uma horrível casca na pele.

(3) 3. Este flagelo não existia no tempo de nossos avós e pais, tendo se introduzido sorratamente, pela primeira vez na Itália, na metade do governo de Tibério Cláudio César, em um certo cavaleiro romano de Perugia, secretário do questor, quando esteve na Ásia, de onde importou seu contágio. E não sofreram desse mal as mulheres ou os escravos e a população humilde ou média, mas os nobres, por rápida via, sobretudo pelo beijo; para muitos resignados, que suportaram o tratamento, a cicatriz era mais horrível do que a doença, pois se curava com substâncias cáusticas, quando o corpo não ficava queimado até os ossos, ficando a repugnância.

4. E vieram do Egito, mãe de tais incômodos; os médicos anunciavam apenas o cuidado com vistas a obter um grande lucro, pois é certo que Manílio Cornuto, assessor do pretório da província da Aquitânia, deve ter se curado daquela doença apreçada em 200 mil sestércios. Ocorria também muitas vezes os homens serem atacados em grupo por novos tipos de doenças. Que de mais admirável se pode encontrar? Alguns incômodos são repentinamente gerados em certa região da terra e em certos membros dos homens, ou idades, ou ainda em certas condições, como se o mal os elegeisse: uns males atacam as crianças, outros, os adultos, os nobres sofrem destes e os pobres, daqueles males!

(4) 5. Quando eram censores L. Paulo e Q. Márcio¹¹, assinalou-se nos Anais que o carbúnculo, mal peculiar à província de Narbona, ocorreu pela primeira vez na Itália, pois que no mesmo ano em que escrevemos isto morreram dois ex-cônsules, Júlio Rufo e Lecânio Basso¹², aquele torturado pela inaptidão dos médicos, este tendo o polegar da mão esquerda arrancado com uma agulha tão pequena, que a muito custo se podia vê-la. 6. Nas partes mais ocultas dos corpos, quase sempre debaixo da língua, nasce uma aspereza avermelhada de forma variada, mas enegrecida na ponta, às vezes lívida. Estende-se pelo corpo, mas não incha, é indolor, sem prurido, sem nenhuma outra indicação além do sono; por isso, arrebatava aqueles por ela agravados em três dias. Outras vezes causa tremores e pequenas pústulas ao

10 É o próprio líquen, espécie de impigem, que se instala no queixo (mento) e se espalha pelo corpo.

11 Em 164 a.C.

12 Em 67 e 64 d.C., respectivamente.

seu redor; mais raramente provoca febre, matando muito rápido, assim que ataca o estômago e a garganta.

(5) 7. Dissemos¹³ que a elefantíase não ocorreu na Itália antes do tempo de Pompeu Magno e essa mesma começando com mais frequência no rosto, primeiro no nariz como uma lentilha, depois se desenvolvendo por todo o corpo, manchada de várias cores e de invólucro desigual. Em um lugar é espessa, em outros fina, em outro ainda dura como uma lepra áspera; por fim, escurece e, apertando a carne contra os ossos, incha os dedos dos pés e das mãos. 8. Este mal é peculiar ao Egito, quando incidia sobre os reis, funesto para os povos, pois as banheiras dos banhos eram temperadas com sangue humano para tratá-la. De fato, esta doença foi rapidamente extinta na Itália, como aquela que os primeiros homens chamaram de calo, que nasce entre os dedos dos pés, de nome já esquecido.

(6) 9. Isso mesmo é admirável: algumas doenças nos deixam e outras persistem, como a cólica¹⁴. Esse mal se insinuou durante o governo de Tibério César, e ninguém antes do próprio imperador a sentiu, para grande perplexidade da cidade, quando, em um edito seu, alegando seu mal-estar, foi lido um nome desconhecido. A quem a consagramos ou a quais cóleras dos deuses? Em verdade, o homem sofria pouco alguns tipos de doenças, quando elas superaram as trezentas, como se ainda não fosse temer as vindouras! E, contudo, os próprios homens não procuram para si menos dificuldades por sua própria culpa.

10. Junto aos antigos eram esses os remédios, que recordamos, com a própria natureza, de certo modo, produzindo seu tratamento, e que persistiram por muito tempo. Sobre uma menção prolixa das plantas encontramos obras certamente de Hipócrates, o qual, por primeiro, estabeleceu muito claramente preceitos de cura; e não menos obras de Diocles, de Caristo, que se tornou reconhecido em segundo lugar por sua idade e fama; também de Praxágoras e Crisipo e, depois, de Erasístrato, de Ceos. Por certo, o raciocínio celebrado antes de todos é de Herófilo¹⁵, 11. embora criador de uma escola mais sofisticada, já aos poucos chegando a expressões e loquacidade decadentes, por causa da prática, mestra mais eficaz de todas as coisas, que serve particularmente à medicina. Pois era mais agradável sentar-se nas escolas para ouvir os mestres do que sair só e procurar outras plantas em outros dias do ano.

13 Em *HN* 20.144. A elefantíase é uma espécie de lepra.

14 O termo é genérico, pois não podemos asseverar de que doença se trata, apenas que deve estar relacionada ao próprio cólon.

15 Médicos dos séculos IV-III a.C.

(7) 12. No entanto, as práticas antigas permaneciam firmes e reivindicavam as grandes relíquias de bens reconhecidos, até que Asclepiades, mestre de eloquência da época de Pompeu Magno, não suficientemente lucrativo naquela arte, mas de fina sagacidade para outros assuntos no fórum, de repente se volta a esta prática. E, como fosse necessário ao homem, que não a exercia nem conhecia os remédios a serem percebidos pelos olhos e pela prática, diariamente afagando com um discurso impetuoso e exercitado, renunciou a tudo e exerceu a medicina, reduzindo-a toda a princípios de suposição. 13. Declarou que há cinco coisas de grande auxílio comum: abstinência de alimento, às vezes de vinho, fricção do corpo e viagens, coisas que qualquer um perceberia que poderia sustentar por si mesmo, favorecendo a todos; e, visto que eram verdadeiras as coisas muito fáceis, chamou a atenção de quase todo o gênero humano para si, como se ele fosse enviado do céu.

(8) 14. Além disso, seduzia os espíritos com artifícios vãos, ora prometendo vinho aos doentes e administrando-o oportunamente, ora água fria; e, visto que antes Herófilo estabelecera perscrutar as causas das doenças, e Cleofanto, junto aos antigos, explicara o método do vinho, ele próprio preferiu se distinguir administrando água fria, como apançou M. Varrão. Ainda imaginava outros mimos: ora suspendendo as camas, cujos movimentos ou curava as enfermidades ou conciliava o sono, ora ordenando banhos, num desejo muito vivo dos homens, e muitas outras coisas prazerosas e agradáveis de se narrar. Tinha grande autoridade e não menor fama, quando teria se aproximado do funeral de um desconhecido, 15. mandou trazer o homem da fogueira funerária e o curou, e que ninguém julgue que tamanha mudança ocorreu em momentos frívolos. Podemos apenas nos indignarmos disso: um homem de família de pouquíssimo valor, que começou sem nenhuma riqueza, graças à sua contribuição, de repente, forneceu ao gênero humano leis de saúde, as quais, contudo, depois disso muitos suprimiram. 16. Sustentaram que Asclepiades via que muitas curas eram demasiado incômodas e brutas junto aos antigos, como cobrir os doentes com mantas e provocar suores de todo jeito, e ainda secar os corpos com fogo ou assiduamente buscar o sol numa cidade chuvosa, enquanto, por primeiro, sustentou a prática de banhos suspensos, que agrada infinitamente. 17. Além disso, diminuiu os tormentos do tratamento em algumas doenças, como nas anginas, as quais curavam com um instrumento enfiado na garganta. E mercidamente condenou que provocassem os vômitos, então bastante frequentes. Também refutou as beberagens como inimigas do estômago, o que é, em grande parte, verdadeiro. E assim, antes que tudo, nós assinalamos o que é útil para o estômago.

(9) 18. Acima de tudo, as imposturas mágicas cresceram a tal ponto que poderiam anular a confiança em todas as plantas: com a planta etiópica secavam rios e pântanos; com a achimenes, lançada contra a linha dos inimigos, se apressava o

exército e o afugentava; a latace¹⁶ era costumeiramente ofertada pelo rei dos Persas aos embaixadores, para que, aonde quer que chegassem, tivessem abundância de provisões de tudo e muitas outras coisas similares. 19. Onde essas estavam quando os Cimbro e os Teutões vociferaram em terrível combate ou quando Luculo derribou tantos reis dos Magos com poucas legiões? Ou por que os chefes romanos sempre tiveram por primeiro o cuidado com as provisões durante as guerras? Por que o soldado de César passou fome em Farsália se toda abundância poderia caber na fecundidade de uma única planta? Não seria mais satisfatório que Emílio Cipião abrisse as portas de Cartago com uma planta do que abalar seus limites com máquinas de guerra por tantos anos? Que os pântanos de Pomptina sequem hoje com a *moroides* e que se restitua aos arredores da Itália o mesmo tanto de campos! Efetivamente, a manipulação de remédios encontrada naquele mesmo Demócrito para gerar filhos belos e bons e afortunados, a que rei dos Persas algum dia proveu isso? 20. De fato, seria admirável que a credulidade dos antigos, proveniente de salubérrimos princípios, avançasse a tal ponto, se em alguma situação os engenhos humanos conhecessem a moderação e se aquele mesmo tratamento, descoberto por Asclepiades, que examinaremos em seu devido lugar, sobrevivesse ainda além dos Magos. Este é o entendimento dos ânimos em qualquer situação: que todas as coisas por primeiro oriundas de necessidades chegassem ao excesso. Então, voltemos aos demais efeitos das plantas, demonstrados no livro anterior, acrescentados conforme a disposição ditar cada um deles.

(10) 21. Mas, para o líquen, mal tão hediondo, reuniremos vários remédios, de todos os lugares, embora não poucos já tenham sido demonstrados. Por conseguinte, trata a tanchagem moída, quinquéfólio, raiz de abrótea em vinagre, raiz de hibisco em decoção reduzida à quarta parte em cola e vinagre picante. Também esfregam com força com pedra-pomes, assim como se aplica raiz de labaga moída com vinagre. 22. E se exalta a flor de visco triturada com cal e flor de titímalo em decoção com resina. Mas, se prefere a planta líquen a todas estas, daí advém seu nome.¹⁷ Nasce em meio aos seixos, com uma única folha, larga na raiz, de caule pequeno e folhas longas pendentes. Também elimina os sinais. É esfregada com mel. Há outro tipo de líquen, que adere por inteiro às pedras, como um musgo, e ele próprio é usado em aplicação. Este detém o sangramento se instilado nas feridas e, em aplicação, detém os tumores. Também cura a icterícia, aplicado com mel na boca e na língua. Quem assim se cura, ordenam que se lave com água salgada, se

16 Não conseguimos designar a espécie dessa planta.

17 A doença e a planta usada para curá-la têm o mesmo nome.

unte com óleo de amêndoa e se abstenha de hortaliças. Para os líquens, são usados com raiz de tápsia moída com mel.

Naturalis Historia 26.1-10

(1) 1. Sensit facies hominum et novos omnique aevo priore incognitos non Italiae modo, verum etiam universae prope Europae morbos, tunc quoque non tota Italia nec per Illyricum Galliasve aut Hispanias magno opere vagatos aut alibi quam Romae circaque, sine dolore quidem illos ac sine pernicie vitae, sed tanta foeditate, ut quaecumque mors praefenda esset.

(2) 2. Gravissimum ex iis lichenas appellavere Graeco nomine, Latine, quoniam a mento fere oriebatur, ioculari primum lascivia, ut est procax multorum natura in alienis miseriis, mox et usurpato vocabulo mentagram, occupantem multis et latius totos utique voltus, oculis tantum immunibus, descendentem vero et in colla pectusque ac manus foedo cutis furfure.

(3) 3. Non fuerat haec lues apud maiores patresque nostros et primum Ti. Claudii Caesaris principatu medio inrepsit in Italiam quodam Perusino equite Romano, quaestorio scriba, cum in Asia adparuisset, inde contagionem eius inportante. Nec sensere id malum feminae aut servitia plebesque humilis aut media, sed proceres veloci transitu osculi maxime, foediore multorum, qui perpeti medicinam toleraverant, cicatrice quam morbo : causticis namque curabatur, ni usque in ossa corpus exustum esset, rebellante taedio. 4. Adveneruntque ex Aegypto, genetrice talium vitiorum, medici hanc solam operam adferentes magna sua praeda, siquidem certum est Manilium Cornutum e praetoriis legatum Aquitanicae provinciae HS CC elocasse in eo morbo curandum sese. Accidit quoque saepius, ut nova contra genera morborum gregatim sentirentur. Quo mirabilius quid potest reperiri? Aliqua gigni repente vitia terrarum in parte certa membrisque hominum certis vel aetatibus aut eriam fortunis, tamquam malo eligente, haec in pueris grassari, illa in adultis, haec proceres sentire, illa pauperes!

(4) 5. L. Paullo Q. Marcio censoribus primum in Italia carbuncululm evenisse annalibus notatum est, peculiare Narbonensis provinciae malum, quo duo consulares obiere condentibus haec nobis eodem anno, Iulius Rufus atque Laecanius Bassus, ille medicorum inscitia sectus, hic vero pollicis laevae manus evulso acu ab semet ipso tam parvo, ut vix cerni posset. 6. Nascitur in occultissimis corporum partibus et plerumque sub lingua duritia rubens vari modo, sed capite nigricans, alias livida, in corpus intendens neque intumescens, sine dolore, sine pruritu, sine alio quam somni indicio, quo gravatos in triduo aufert, aliquando et horrorem adferens circaque pusulas parvas, rarius febrem, stomachum faucesque ut invasit, occissime exanimans.

(5) 7. Diximus elephantiasim ante Pompei Magni aetatem non accidisse in Italia, et ipsam a facie saepius incipientem, in nare prima veluti lenticula, mox crescente per totum corpus, maculosa variis coloribus et inaequali cute, alibi crassa, alibi tenui, dura alibi ceu scabie aspera, ad postremum vero nigrescente et ad ossa carnes adprimente, intumescens digitis in pedibus manibusque. 8. Aegypti peculiare hoc malum et, cum in reges incidisset, populis funebre, quippe in balineis solia temperabantur humano sanguine ad medicinam eam. Et hic quidem morbus celeriter in Italia restinctus est, sicut et ille, quem gemursam appellavere prisci inter digitos pedum nascentem, etiam nomina obliterato.

(6) 9. Id ipsum mirabile, alios desinere in nobis, alios durare, sicuti colum. Ti. Caesaris principatu inrepsit id malum, nec quisquam id prior imperatore ipso sensit, magna civitatis ambage, cum in edicto eius excusantis valetudinem legeret nomen incognitum. Quid hoc esse dicamus aut quas deorum iras? Parum enim erant homini certa morborum genera, cum supra trecenta essent, nisi etiam nova timerentur! Neque ipsi autem homines pauciora sibi opera sua negotia inportant.

10. Haec apud priscos erant quae memoramus remedia, medicinam ipsa quodammodo rerum natura faciente, et diu fuere. Hippocratis certe, qui primus medendi praecepta clarissime condidit, referta herbarum mentione invenimus volumina, nec minus Diocli Carysti, qui secundus aetate famaue extitit, item Praxagorae et Chrysippi ac deinde Erasistrati Cei, Herophilo quidem, 11. quamquam subtilioris sectae conditori, ante omnis celebratam rationem, iam paulatim, usu efficacissimo rerum omnium magistro, peculiariter utique medicinae, ad verba garrulitatemque descendente. Sedere namque in scholis auditioni operatos gratius erat quam ire per solitudines et quaerere herbas alias aliis diebus anni.

(7) 12. Durabat tamen antiquitas firma magnasque confesase rei vindicabat reliquias, donec Asclepiades aetate Magni Pompei orandi magister nec satis in arte ea quaestuosus, ut ad alia quam forum sagacis ingenii, huc se repente convertit atque, ut necesse era homini qui nec id egisset nec remedia nosset oculis usuque percipienda, torrenti ac meditata cotidie oratione blandiens omnia abdicavit totamque medicinam ad causas revocando coniecturae fecit, 13. quinque res maxime communium auxiliorum professus, abstinentiam cibi, alias vini, fricationem corporis, ambulationem, gestationes, quae cum unusquisque semet ipsum sibi praestare posse intellexeret, faventibus cunctis, ut essent vera quae facillima erant, universum prope humanum genus circumegit in se non alio modo quam si caelo demissus advenisset.

(8) 14. Trahebat praeterea mentes artificio inanni, iam vinum promittendo aegris dandoque tempestive, iam frigidam aquam et, quoniam causas morborum scrutari prius Herophilus instituerat, vini rationem inlustraverat Cleophantus apud priscos, ipse cognominari se frigida danda praeferens, ut auctor est M. Varro. Alia

quoque blandimenta excogitabat, iam suspendendo lectulos, quorum iactatu aut morbos extenuaret aut somos adliceret, iam balneas avidissima hominum cupidine instituendo et alia multa dictu grata atque iucunda; magna auctoritate nec minore fama, cum occurrisset ignoto funeri, 15. ab rogo atque servato, ne quis levibus momentis tantam conversionem factam existimet. Id solum possumus indignari, unum hominem e levissima gente, sine opibus ullis orsum, vectigalis sui causa repente leges salutis humano generi dedisse, quas tamen postea abrogavere multi. 16. Asclepiaden adiuvere multa in antiquorum cura nimis anxia et rudia, ut obruendi aegros veste sudoresque omni modo ciendi, nunc corpora ad ignes torrendi solesve adsiduo quaerendi in urbe nimbose, tum primum pensili balinearum usu ad infinitum blandiente. 17. Praeterea in quibusdam morbis medendi cruciatus detraxit, ut in anginis, quas curabant in fauces organo demisso. Damnavit merito et vomitiones tunc supra modum frequentes. Arguit et medicamentorum potus stomacho inimicos, quod est magna ex parte verum. Itaque nos in primis quae sunt stomacho utilia signamus.

(9) 18. Super omnia adiuvere eum magicæ vanitates in tantum evectæ, ut abrogare herbis fidem cunctis possent: Aethiopide herba amnes ac stagna sicari; onothuridis tactu clausa omnia aperiri; Achaemenide coniecta in aciem hostium trepidare agmina ac terga verti; latacen dari solitam a Persarum rege legatis, ut, quocumque venissent, omnium rerum copia abundarent, ac multa similia. 19. Ubinam istae fuere, cum Cimbri Teutonique terribili Marte ulularent aut cum Lucullus tot reges Magorum paucis legionibus sterneret? Curve Romani duces primam semper in bellis commerciorum habuere curam? Cur Caesaris miles ad Pharsaliam famem sensit, si abundantia omnis contingere unius herbae felicitate poterat? Non satius fuit Aemilianum Scipionem Carthaginis portas herba patefacere quam machinis claustra per tot annos quater? Siccentur hodie Meroide Pomptinae paludes tantumque agri suburbanæ reddatur Italiae! Nam quae apud eundem Democritum invenitur compositio medicamenti, quo pulchri bonique et fortunati gignantur liberi, cui umquam Persarum regi tales dedit? 20. Mirum esset profecto hucusque provectam credulitatem antiquorum saluberrimis ortam initiis, si in ulla re modum humana ingenia novissent atque non hanc ipsam medicinam ab Asclepiade repertam probaturi suo loco essemus evectam ultra Magos etiam. Haec est omni in re animorum condicio, ut a necessariis orsa primo cuncta pervenerint ad nimium. Igitur demonstratarum priore libro herbarum reliquos effectus reddemus, adicientes ut quasque ratio dictabit.

(10) 21. Sed in lichenis remediis atque tam foedo malo plura undique acervabimus, quamquam non paucis iam demonstratis. Medetur ergo plantago trita, quinquefolium, radix albuci ex aceto, ficulni caules ex aceto decocti, hibisci radix cum glutino et aceto acri decocta ad quartas. Defricant etiam pumice, ut rumicis radix

trita ex aceto inlinatur. 22. Et flos visci cum calce subactus laudatur et tithymalli cum resina decoctum. Lichen vero herba omnibus his praefertur, inde nomine invento. Nascitur in saxis, folio uno ad radicem lato, caule uno parvo, longis foliis dependentibus. Haec delet et stigmata. Teritur cum melle. Est aliud genus lichenis, petris totum adhaerens ut muscus, qui et ipse inlinitur. Hic et sanguinem sistit volneribus instillatus et collectiones inlitus. Morbum quoque regium cum melle sanat ore inlito et lingua. Qui ita curentur, aqua salsa lavari iubentur, ungui oleo amygdalino, hortensiis abstinere. Ad lichenas et thapsiae radice utuntur trita cum melle.

Conclusão

Nas últimas décadas, muito se tem discutido a respeito de traduções: se devem ser poéticas, de serviço, transliterações, recriações, versões. No Brasil, começou-se a refletir sobre o assunto mais vigorosamente a partir de meados dos anos 1950, muito embora, como apontamos, as reflexões sobre o ato tradutório já se realizassem desde a Antiguidade. Cícero, Horácio, São Jerônimo anunciavam ao leitor que, ao traduzir um texto, não basta proceder a uma versão “palavra por palavra” sem pensar em questões como variação linguística ou diferenças culturais. Leituras são fundamentais, mas elas, por si, não fazem de alguém um tradutor.

Busquei, ao longo deste trabalho, revelar como se deu a minha trajetória pessoal dentro do campo tradutório, iniciando meus estudos quando as discussões mais modernas acerca da tradução ainda não eram plenamente abordadas dentro do ambiente acadêmico universitário. No entanto, esse fato não impediu que eu seguisse o caminho da tradução, embora vendo que a maioria das traduções de clássicos gregos e latinos era editada por homens, cabendo às mulheres, em grande parte, a adaptação dos clássicos.

Apontei aqui algumas reflexões sobre teorias da tradução, mas também sobre a possibilidade de elas não serem seu único meio de produção, embora importantes. Mostrei como consegui contornar essas ausências em minha formação, fazendo a prática sanar as dificuldades que se me apresentavam. Minha opção por textos técnicos, sobretudo nos últimos anos, por produções que abordam as práticas médicas e mágicas para o tratamento de doenças, levou-me a propor aqui a tradução de um excerto da *História Natural*, de Plínio o Velho, obra à qual venho me dedicando desde meu pós-doutoramento.

Por fim, apontei os procedimentos que utilizei e teci alguns comentários acerca do autor, enfatizando como uma necessidade primordial o tradutor conhecer

bem o contexto de produção da obra. Conte foi o editor da edição que utilizamos nesta tradução, em vista de seu aparato crítico substancial, crucial para a realização de uma boa pesquisa.

Referências bibliográficas

- CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CICERO. *De Optime Genere Oratorum*. Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/cicero/optgen.shtml>. Acesso em: 09 set. 2024.
- COPELAND, Rita. *Rhetoric, Hermeneutics, and Translation in the Middle Ages: Academic Translations and Vernacular Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- DUARTE, Adriane da Silva. “O fio de Ariadne: tradutoras dos clássicos no Brasil”. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 34, n. 67, 30 dez. 2023, p. 43-86. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/57264>. Acesso em: 09 set. 2024.
- FICINO, Marsilio. *O livro do amor: Comentário acerca do convívio de Platão*. Tradução e comentários de Ana Thereza B. Vieira. Rio de Janeiro: PPGLC-UFRJ, 2017 [1996].
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- OUSTINOFF, Michäel. *Tradução: história, teorias e métodos*. Trad. Marcos Marciolino. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- PLÍNIO. *Plínio, o jovem: Epístolas completas*. Livro I, II, III. João Angelo Oliva Neto, tradução, introdução e notas; Paulo Sérgio de Vasconcellos, leitura crítica. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Editora Mnema, 2022.
- PLINIO SECONDO. *Storia Naturale III*. Botanica: libri 20-27. Edizione di Gian Biagio Conte. Traduzioni e note di Andrea Aragosti, Paola Cosci, Anna Maria Cotrozzi, Marco Fantuzzi, Francesca Lechi. Torino: Giulio Einaudi Ed., 1985.
- VIEIRA, Ana Thereza B.; CAIRUS, Henrique. Modo de curar com bálsamo: tradução. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, vol. 1, n. 1, 1994, p. 833-839.